Geografia e Jornalismo: Juntos pela Educomunicação!

FILOMENA MARIA AVELINA BOMFIM
CARLA JUSCÉLIA DE OLIVEIRA SOUZA

Apresentação

Este artigo pretende discutir o potencial de ações transdisciplinares em rede na implementação de práticas educacionais no contexto de atividades desenvolvidas em uma escola pública na cidade de São João del-Rei (MG). A possibilidade de realização do trabalho conjunto nasceu da discussão entre alunos e professores dos cursos de Geografia e Jornalismo no Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação (GEPE), na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), a partir do programa de extensão criado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER), intitulado *“Educação para o risco”*: prevenção e percepção do risco na escola e no bairro Matosinhos.

Com relação ao conceito de redes educacionais, acredita-se tratar-se de ecossistemas educacionais transdisciplinares, nos quais um objetivo comum norteia o desenvolvimento de ações desenvolvidas por atores de diferentes campos de produção de conhecimento que operam em um processo colaborativo. Nesta iniciativa, a contribuição de cada um dos grupos (nós de uma rede) permite a produção de trabalhos enriquecidos pela especificidade da formação das equipes, que compartilham repertórios simbólicos distintos. Em consequência, o processo de registro e de socialização da experiência em foco favorece o pensar e a reflexão sobre as ações realizadas à luz da Educomunicação, considerando seus fundamentos e princípios.

1. Parceria entre grupos de estudos e pesquisas da UFSJ

A educação básica, no contexto das instituições formais (a escola), ainda que concebida nos “princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana”, conforme as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, acontece por meio de ensino e aprendizagem disciplinar, seriado, conteudista, excludente e, na maioria das vezes, descontextualizado da realidade dos estudantes. Esse fato revela um ensino com problemas, que acentua cada vez mais a compartimentação dos saberes e a incapacidade de articulá-los, bem como o processo de atrofia da mente humana, a qual apresenta aptidão para contextualizar e integrar, como qualidade fundamental, como bem expressa o filósofo, antropólogo e sociólogo Edgar Morin (2003, p. 16), no livro “Cabeça bem feita”. O ensino, tecido em estrutura rígida e dirigida por interesses políticos e econômicos expressos no currículo escolar nacional, é subversivo quando, na sala de aula, os sujeitos – professor e aluno – apropriam-se do currículo e subvertem o imposto pelo almejado e sonhado. Apesar de existir essa possibilidade, o que se observa, ainda, é o ensino bancário, em muitas salas de aula.

Segundo Freire (1987, p. 39) na educação bancária, o professor deposita seu conhecimento nos alunos, desconsiderando suas bagagens prévias de saberes/experiências. Essa lógica na educação está longe dos princípios da liberdade, da cidadania e do conhecimento libertário, como citado pela LDB e defendido por Paulo Freire. Como caminhar em direção a esses princípios? Como pensar o ensino e aprendizagem na educação formal, no espaço escolar, sob a perspectiva da dialogicidade? Questões dessa ordem podem conduzir à essência da educação como prática da liberdade.

Assim sendo, a possibilidade de interação/parceria escola, grupos comunitários e universidade, no contexto das atividades de extensão, à luz dos ideais do diálogo, da cidadania, da reflexão e da mobilização popular sobre a realidade, pode constituir um modelo de construção compartilhada do conhecimento engajado.

Fundamentado nesses parâmetros e desafios foi concebido pelo GEPEGER o programa de extensão “Educação para o risco”: *prevenção e percepção do risco na escola e no bairro Matosinhos*, cujo objetivo é aprofundar discussões, atividades e ações referentes à comunicação, divulgação e às medidas de prevenção do risco no espaço de vivência dos alunos, ou seja, na Escola Estadual Governador Milton Campos, na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais.

Entre as ações destacam-se a implantação, na rádio escolar, do programa “Hora do Risco” e do Clube do Risco. Tais iniciativas são viabilizadas pelos princípios da Educomunicação, quais sejam educar pela/para a comunicação, pelo diálogo, pela inter-relação educação/

comunicação e pela interdiscursividade (SOARES, 2011) entre o GEPEGER e o GEPE a partir de maio de 2016.

A interação entre esses dois grupos de pesquisa liderados por docentes da UFSJ busca, por meio do estreitamento das relações entre seus alunos-pesquisadores, aproximar os estudantes do Curso de Geografia do Programa de extensão do Curso de Comunicação Social-Jornalismo intitulado *Agência de Notícias interativa no Campo das Vertentes-MG* – uma proposta de extensão sob a égide da *Educomunicação*.

Dessa forma, espera-se que os estudantes de Jornalismo iniciem e aprofundem os conhecimentos relativos à prática básica do radiojornalismo junto aos estudantes de Geografia, por meio de oficinas mensais. Tal proposta visa instrumentalizá-los quanto à utilização das estratégias mais adequadas e atualizadas para a aplicação dessa rotina na escola, a fim de que o programa de rádio constitua um momento de aprendizagem tanto para os alunos dos ensinos médio e fundamental, quanto para os graduandos da Geografia. É importante ressaltar que também os estudantes do jornalismo estarão em processo de expansão e aprofundamento das suas habilidades técnicas, na medida em que, para compartilharem esse saber com os colegas da Geografia, terão de estudar e certificar-se da seleção das técnicas, softwares em uso e melhores maneiras de transmitir as informações para leigos no assunto.

Além disso, pode-se perceber a importância da construção conjunta desse ambiente – que aqui denominaremos de ecossistema educ comunicativo – para que tal processo de transformação da realidade se desenvolva, a partir de uma plataforma de protagonismo, participação, cidadania, ação colaborativa, solidariedade e responsabilidade social.

Adicionalmente, os graduandos da Geografia e do Jornalismo, juntamente com os coordenadores dos programas de extensão irão se reunir regularmente para avaliar as ações desenvolvidas, comparando os resultados esperados, com os resultados aferidos por meio do compartilhamento do conhecimento.

2. Referencial teórico

Diante desse cenário, parece que o conceito de Educomunicação - que fundamenta o desenvolvimento de redes educ comunicativas tais como as iniciativas em foco - caminha *pari passu* com os propósitos da alfabetização midiática e informacional. Assim sendo, tende a favorecer o surgimento de processos de elevação do padrão de qualidade de vida dos cidadãos comprometidos com as causas da comunidade, bem como o acesso pleno à informação de qualidade decorrente desse uso.

Em consequência, pode-se perceber que a identificação dessas redes educacionais, aliada ao conhecimento do tipo de trabalho desenvolvido por elas, pode se constituir uma conquista decisiva para a expansão de processos de alfabetização midiática e informacional, matrizes de empoderamento dos cidadãos em cada uma das entidades onde as redes educacionais estiverem presentes como multiplicadoras dessa nova postura crítica e criativa diante dos *media*.

Adicionalmente, o repertório de Jesús Martín-Barbero aparece como fundamental para o enriquecimento da revisão de literatura deste trabalho ao ressaltar a importância da contextualização na utilização dos *media*, enfatizando a importância da identidade cultural dos grupos, que vão influenciar decisivamente a abordagem a ser privilegiada para a seleção e apropriação dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

Apresentando os *media* como extensões do homem, McLuhan (1964) estabelece a relação entre os sentidos e os meios de comunicação, apesar de ter ficado conhecido pela sua discussão a respeito da televisão. Entretanto, em seu livro anterior, *A Galáxia de Gutenberg* (1962), ele mesmo estende, de forma vanguardista, seu conceito de meio de comunicação ao alfabeto, dando início a uma série de reflexões críticas a partir das quais, os *media* aparecem como representações sociais de épocas ao longo da história da humanidade. Dessa forma, o estudioso em foco adere à corrente daqueles que se dedicam à investigação dos meios de comunicação entendidos como manifestações culturais das várias fases da história da humanidade.

Paralelamente, Morán (1994) relaciona os meios de comunicação aos tipos de inteligência que o homem possui e que pode utilizar para produzir conhecimento. Segundo ele, assim como cada indivíduo possui um tipo de inteligência proeminente que o impulsiona para a consecução dos seus objetivos, da mesma forma as pessoas escolhem os meios de comunicação, tendo em vista suas preferências pessoais, bem como seu tipo de inteligência predominante.

3. Contribuições transdisciplinares e ações na escola

Uma vez por mês, membros dos dois grupos reúnem-se, juntamente com outros pesquisadores e estudantes de vários cursos - Filosofia, História, Arquitetura, Jornalismo, Geografia - para socializar experiências, resultantes de projetos de pesquisa, extensão e ensino dedicados às práticas educacionais. Nesses encontros são apresentadas iniciativas referentes a ações fundamentadas na Educomunicação, bem como são discutidas e sugeridas outras ações que possam complementar e/ou enriquecer os trabalhos em andamento em ambientes de educação formal e/ou informal, por meio de projetos de extensão.

Desses momentos de partilha nasceu a proposta de mapeamento coletivo como prática educ comunicativa para o programa *“Educação para o risco”: prevenção e percepção do risco na escola e no bairro Matosinhos*. Essa ação colaborativa seria elaborada com a participação dos alunos da escola pública, sobre pontos ou áreas de riscos, a partir da percepção desses sujeitos escolares. O mapeamento, em extensa base de papelão, deve ocorrer no espaço escolar, onde os interessados possam observar a representação gráfica inicial – mapa contendo elementos básicos como representação da escola, ruas entorno, principais avenidas, cursos d’água, praças e outros elementos sociais e da natureza - que possam servir como pontos de referências, para que a partir deles os alunos possam identificar e relacionar áreas e/ou pontos de riscos, sejam riscos considerados ambientais e ou sociais, conforme classificação adotada por Veyret (2013) e outros pesquisadores dessa temática. O processo de mapeamento deve ser contínuo e permitir que cada pessoa, em momentos diferentes, possa expressar em desenho ou símbolos seu ponto de vista, seu conhecimento e suas questões sobre a temática representada. Nessa lógica, a construção é dinâmica, interativa, social, coletiva e dialógica, uma vez que permite a comunicação entre os sujeitos e entre o mapa e os sujeitos que o constroem.

Paralelamente a essa estratégia coletiva, terá continuidade o programa de rádio intitulado *“Hora do risco”*, que acontece às quintas-feiras, no horário do recreio do período da manhã e da tarde, na escola Estadual Governador Milton Campos, bairro Matosinhos, na cidade de São João del-Rei.

O programa da rádio tem como objetivo inicial socializar e compartilhar assuntos já contemplados na escola ao longo de 2014 e 2015, referente à noção de risco ambiental, a importância de se conhecer e identificar áreas de risco, bem como, pensar e agir para a prevenção da ocorrência de desastres em função do tipo de risco que se pode correr coletivo ou individualmente.

Os grupos parceiros (GEPEGER e GEPE) começarão outras ações em prol do programa *“Hora do risco”*, tais como a instrumentalização dos alunos do curso de Geografia quanto à utilização das estratégias mais adequadas e atualizadas para a realização do programa de rádio na escola. Essa ação será implementada por meio de oficinas, esperando-se que essas iniciativas reflitam positivamente no programa *“Hora do risco”*, entendido e tratado como meio de comunicação a serviço da produção de conhecimento. A princípio, as pautas do referido programa estão sendo organizadas pelos próprios alunos de graduação do curso de Geografia, sob a orientação do estudantes de Jornalismo. Contudo, a intenção e interesse de ambos os grupos é que as pautas e o programa sejam escolhidos e realizados

pelos próprios alunos da escola, a fim de se estimular tanto o protagonismo, quanto a criatividade. Para isso, iniciou-se um movimento interno na escola para a construção de um grupo de estudos intitulado “Clube do risco”, a ser orientado e acompanhado pelos graduandos.

Entre outras contribuições dos membros dos grupos, expostas durante reuniões, destaca-se a proposta de que no primeiro encontro do “Clube do Risco” seja apresentado, de forma dinâmica, o conceito de mídia e sua influência na sociedade, a partir do livro “Deu a loca na floresta”, de Robson Rocha. Espera-se que, dessa forma, os adolescentes compreendam a magnitude da ação dos meios de comunicação na sociedade, podendo, inclusive, sugerir conteúdos durante as reuniões de pautas. Além dessa proposta foi sugerido que se reforçasse a parceria com professores da própria escola, a fim de que alguns encontros do “Clube do Risco” acontecessem durante as aulas desses professores. Dessa forma, estar-se-ia motivando os professores a utilizarem o projeto como atividade da disciplina e os meios de comunicação como recurso didático em sala de aula.

Essas propostas e contribuições são bem vindas e, portanto, estudadas/avaliadas cuidadosamente para que possam se efetivar. Para isso, novos diálogos entre os membros do programa de extensão “Educação para o Risco” e os professores e diretores da escola parceira deverão ocorrer ainda durante o semestre em curso.

4. Resultados parciais

Até o final de 2016, foram ao ar quatorze programas (Hora do Risco – A rádio e o pluviômetro na Escola - 23/06/2016 (primeiro); Hora do Risco – Concepção de risco ambiental – 30/06/2016 (segundo) e 09/12/2016 (Aniversário da cidade), sempre às quintas-feiras, com e para alunos dos turnos da manhã (ensino médio) e da tarde (ensino fundamental II). A princípio, os jovens entre onze e doze anos foram os que mais se revelaram curiosos e sensibilizados com a novidade na escola. Foram esses, também, que se inscreveram para participar do Clube do Risco, após palestra intitulada “Vulnerabilidade e prevenção: o que significam?”, depois da rádio escolar começar e ir ao “ar”. Até junho, onze alunos do 6º ano de ensino fundamental II manifestaram o interesse pelo Clube.

O período de férias, no mês de julho, interrompeu as atividades de extensão na referida escola. Além disso, o início do semestre letivo na universidade, combinado com o da escola, apresenta tempo e ritmos diferentes, o que dificulta a imediata retomada das ações e reuniões na escola no início de agosto. Esse fato, embora pareça simples, significa pensar a diferença da dinâmica escolar, dos sujeitos envolvidos e na compreensão sobre a realidade existente e no respeito à mesma. Portanto, respeitados os tempos e espaços, aos poucos

as atividades vão recomeçando na vida acadêmica e escolar ao longo de agosto. Para os próximos programas, na rádio escola, as pautas são: a) Você! Corre algum tipo de risco? b) Diferentes tipos de risco. Estas estão diretamente ligadas à enquete realizada durante os meses de junho e início de julho, por meio de caixa coletora exposta no pátio da escola.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Procesos de comunicación y matrices de cultura: itinerario para salir de la razón dualista*. México: Ediciones G. Gilli, 1989.

_____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução Dácio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1971.

MORAN, José Manuel. Interferências dos Meios de Comunicação no nosso conhecimento. *INTERCOM Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, XVII (2): 38-49, julho-dezembro 1994.

SOARES, Ismar de O. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adílson O.; COSTA, Maria C. C. *Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 13 – 29.

VEYRET, I. *Os riscos: O homem como agressor e vítima do meio ambiente*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013, 320 p.

AS AUTORAS

FILOMENA MARIA AVELINA BOMFIM - fmabomfim@ufsj.edu.br - Departamento de Letras, Artes & Cultura – Curso de Comunicação Social-Jornalismo

CARLA JUSCÉLIA DE OLIVEIRA SOUZA - Departamento de Geociências – Curso de Geografia - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) - carlaju@ufsj.edu.br